

DESPERTANDO O GOSTO PELA LEITURA NOS ALUNOS DA 6ª SÉRIE DA ESCOLA ADVENTISTA DO AUGUSTO FRANCO

SOUZA, Jucemara Oliveira Rocha.
jucemarasouza@hotmail.com

MEIRELLES, Claudia. (orientadora)
Graduada em Letras, especialista em Metodologia da Língua Portuguesa, Profª do Curso de Letras - Português da Universidade Tiradentes – UNIT.
meirelles.claudia@terra.com.br

RESUMO

As reflexões desse artigo concentram-se na análise da importância da leitura para crianças, jovens e adultos. Há uma grande preocupação ao ver que muitos estudantes, apesar dos esforços da escola, continuam a não gostar de ler. Sabe-se que a prática de leitura não é constante em nossos dias, em muitos casos não há estímulos por parte dos pais, recaindo então para o professor o desafio de incentivar o prazer literário e esse, por sua vez, tem de ser hábil e competente para, em meio a tantas situações avessas à leitura, criar mecanismos para atrair o aluno ao estudo dessa habilidade, que é indispensável para a sua formação. O professor, portanto, torna-se o mediador entre a leitura e o aluno. Um dos grandes objetivos da atividade escolar com a leitura é formar um aluno capaz de ler, analisar e interpretar um texto, pois ele vai enfrentar concursos, vestibulares e, mais do que isso, viver constantemente em situações reais da vida em que o conhecimento advindo de leituras poderá ser de muita importância. Diz-se, que a melhor forma de preservar a memória e a capacidade cognitiva é exercitar o cérebro constantemente, desenvolver o gosto e o hábito de ler é um bom exercício. Através dos resultados de pesquisas (observações e questionários) feitos aos alunos de 5ª a 8ª série da Escola Adventista do Augusto Franco, foi possível verificar que a leitura ocupa um dos últimos lugares na preferência dos alunos por ser muitas vezes enfadonha e nada atrativa. Desenvolveu-se, portanto, um estudo para auxiliar o professor a avaliar a leitura de seus alunos, e através dessas metodologias, deixar, as formas tradicionais de avaliações (provas, seminários, fichas de leituras) e criar novas atividades que venham a despertar no aluno o gosto pela leitura.

Palavras-chave: leitura – professor – aluno.

DESPERTANDO O GOSTO PELA LEITURA NOS ALUNOS DA 6ª SÉRIE DA ESCOLA ADVENTISTA DO AUGUSTO FRANCO

1. LEITURA: LAZER, PRAZER E ENRIQUECIMENTO CULTURAL

Sabe-se que a leitura atribui um valor benéfico ao indivíduo e à sociedade, mas muitas vezes ela não é vista como uma forma de lazer, prazer e enriquecimento cultural. Apesar dos esforços da escola, muitos estudantes continuam a não gostar de ler, e em muitos casos não há estímulo por parte dos pais. Diante desse fato, cabe ao professor o desafio de incentivar a cada dia o prazer literário e adotar diversas formas que facilitem e despertem no aluno o interesse e o gosto pela leitura.

Através de uma pesquisa realizada com alunos de 5ª a 8ª série da Escola Adventista do Augusto Franco, detectou-se um problema quanto à deficiência na leitura: a maioria dos alunos lê por obrigação e não por prazer. Propôs-se então um estudo para analisar o problema detectado, elaborar e desenvolver uma metodologia na qual os alunos desenvolvam a leitura, intensifiquem o domínio da linguagem oral e escrita e cheguem ao nosso objetivo que é despertar o gosto pela leitura.

Com o intuito de aprimorarem-se os conceitos e aprofundarem-se no estudo do tema, a elaboração desse trabalho teve como metodologia a pesquisa bibliográfica baseada em livros, revistas e artigos. Nesse artigo, primeiramente aborda-se sobre a formação de leitores no Brasil a partir do século XVIII e os primeiros livros de leitura, utilizados no âmbito escolar; no segundo momento, relaciona-se o tema com a falta de leitores e as razões pelas quais leva o estudante a ter um desinteresse pela leitura; no terceiro momento, mostram-se algumas atividades que poderão auxiliar o educador a avaliar a leitura de seus alunos de forma mais prazerosa do que os métodos tradicionais e por fim descreve-se a metodologia utilizada com os alunos da 6ª série após a leitura de uma obra literária.

“A pessoa que não lê, mal fala, mal ouve, mal vê”. TAHAN, Malba.

2. FORMANDO LEITORES NO BRASIL

A história do leitor começou com a expansão da imprensa e desenvolveram-se graças à ampliação do mercado do livro, à difusão da escola, à alfabetização em massa das populações urbanas, à valorização da família e privacidade doméstica e à emergência da idéia de lazer.

Principiou-se na Europa, aproximadamente no século XVIII, quando a impressão de obras escritas passou a ser exercida por hábeis tipógrafos e gerenciadas pelo Estado que por meio de alvarás e decretos, facultava, ou não, o aparecimento dos livros, deixando, portanto, de ser um trabalho quase artesanal. Tornaram-se atividades empresariais, dirigidas para o lucro, que custava cada vez menos e vendia cada vez mais.

O comércio de livros só realizou-se plenamente quando passou a contar com pessoas que dominavam a habilidade de ler, o que adveio do fortalecimento da escola e da obrigatoriedade do ensino.

Nos séculos XVIII e XIX, o gosto pela leitura se intensificou no modelo moderno de família e nos grupos religiosos que estavam interessados no conhecimento e na difusão da Bíblia.

Na literatura infantil européia, os primeiros livros de sucesso resultaram da apropriação dos contos populares que circulavam entre os homens do campo. Assim também a indústria do lazer descobriu seu material primitivo entre a população rural. Seus primeiros exemplos proveram da literatura de cordel, molde para a fabricação do folhetim, que colaborou com a estruturação e fortalecimento do romance.

Dom Quixote, de Miguel de Cervantes foi na Europa o exemplo mais notável que textualizou o leitor. No Brasil, foi só na ficção romântica que se mostraram visíveis esse esforço.

Por volta de 1840 o Brasil, no Rio de Janeiro, que era sede da Monarquia, passa a exhibir alguns traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora. A escolarização era precária, mas manifestava-se o movimento visando à melhoria do sistema. O capitalismo ensaiava seus primeiros passos graças à expansão da cafeicultura e dos interesses econômicos britânicos, que queriam um mercado cativo, mas em constante progresso.

Desse modo os escritores passaram a suspirar por uma bem-vinda profissionalização. Um exemplo foi Manuel Antônio de Almeida, que ao publicar, em 1852-1853 *Memórias de um Sargento de Milícias*, em folhetim, na imprensa carioca, foi muito

bem-sucedido. Almeida usava como recurso, a retomada de eventos apresentados em capítulos anteriores, sendo uma estratégia para manter o leitor atento. “Os leitores estão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele arranjei-me, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa”.

Durante a primeira metade do século XIX, o Brasil iniciou sua caminhada para o progresso econômico, independência política e conquista da cultura que o colocaria entre as nações civilizadas do Ocidente. Caminhada aberta pela mudança da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, e pelas medidas oficiais tomadas imediatamente por D. João VI, no sentido de preparar a colônia brasileira para ser a nova sede do reino de Portugal.

Tudo foi feito em tempo realmente curto; acelerando-se mais, a partir de 1822, quando o Príncipe Dom Pedro, reagindo às decisões da nova Constituição Portuguesa (que pretendia fazer o Brasil voltar à antiga situação de colônia), proclama a Independência e se torna o Imperador do Brasil, com o título de D. Pedro I.

Desde a separação de Portugal, reclamava-se uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país.

No setor do Ensino, somente nos últimos anos do século XIX foi que o sistema escolar nacional passou por reformas de real alcance e incorporou em sua área também a produção literária para crianças e jovens.

Simultaneamente, ao aumento de traduções e adaptações de livros literários para o público infanto-juvenil, começou a se firmar a consciência de que se fazia urgente uma literatura própria para a criança e para juventude brasileira, que valorizasse o nacional.

Inicialmente, essa experiência literária, vai se dar no âmbito do ensino escolar, pois, a Literatura e a Pedagogia desenvolvem-se fortemente unidas. Nessa época emergia uma nova classe – a classe média, que se auto-afirmava principalmente através das profissões liberais. Um novo valor, uma nova prioridade começou a ser dado à inteligência, ao saber.

Entre os homens notórios que marcaram, com seu pensamento e produção, Rui Barbosa destaca-se como um símbolo. San Tiago Dantas afirma: “Desde logo é em torno dele (Rui), que se cria o culto do homem inteligente...”. (WERECK, Apud, HLB, p. 510.).

Um dos centros pioneiros do movimento de renovação educacional foi São Paulo; a partir de 1890, onde educadores se empenharam em estimular o ensino experimental em nossas escolas. Até então, conforme mostra uma pesquisa realizada por um grupo de estudiosos acerca do aparecimento e evolução do livro na área de educação, os livros

utilizados nas escolas brasileiras do entre séculos eram cartilhas e gramáticas portuguesas e francesas e a alfabetização na maioria das escolas era feita, ainda, em folhas manuscritas.

Os *livros de leitura* foram a primeira tentativa de realização de uma literatura infantil brasileira, mostrando dessa forma que os conceitos “literatura” e “educação” andaram sempre essencialmente ligados.

Segundo a ordem cronológica de publicações, o primeiro livro brasileiro de grande repercussão no âmbito escolar foi: *O Livro do Povo*, escrito pelo maranhense Antônio Marques Rodrigues. Segundo Sacramento Blake, sua primeira edição é de 1861 e uma das preocupações básicas de Rodrigues foi o ensino primário brasileiro, o qual procurou: “satisfazer uma grande necessidade de nosso ensino primário”, promover “a uniformidade dos livros de leitura, vulgarizar a história do Salvador do mundo, os seus milagres, a sua doutrina e os melhores preceitos de economia e ordem”.

Em 1896, *Contos da carochinha*, de Alberto Figueiredo Pimentel, foi a primeira coletânea brasileira de literatura infantil organizada com a intenção de traduzir em linguagens brasileira os contos infantis que circulavam em várias coletâneas estrangeiras ou em traduções portuguesas. Pimentel reuniu nesta mesma obra 61 contos populares, morais e proveitosos, de vários países, traduzidos ou recolhidos diretamente da tradição local (contos de Perrault, Grimm e Andersen).

No século XX, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje na área de Literatura Infantil e Juvenil foi Monteiro Lobato.

Lobato rompeu com as convenções estereotipadas e abriram as portas para as novas idéias e formas que nosso século exigia. Preocupado com o problema dos livros de leitura para as crianças, Lobato estudou um meio de modificar a realidade à sua volta e em carta de 08/09/1916, ele diz: “Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades (...). É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos.” (A Barca de Gleyre, 2º tomo, p. 104).

Por volta de 1917 Lobato lança com ilustrações reduzidas e em preto-e-branco: *Narizinho Arrebitado – 2º Livro de Leitura*. A vasta produção de Lobato, na área infanto-juvenil, engloba obras originais, adaptações e traduções.

Ao analisar-se a natureza da literatura mais recente, conclui-se que hoje *não há um ideal absoluto* de Literatura Infantil (nem de nenhuma outra espécie literária). Será “ideal” aquela que corresponder a uma necessidade profunda do tipo de leitor a que ela se destina, em consonância com a época que ele está vivendo.

Vista em conjunto, a atual produção Literária destinada à crianças e jovens, apresenta três tendências mais evidentes: *a realista* – que pretende expressar o REAL, tal qual é percebido ou conhecido pelo senso comum, *a fantasista* – que apresenta o mundo maravilhoso, criado pela IMAGINAÇÃO, e que existe fora dos limites do real e do senso comum, *e a híbrida* – que parte do REAL e nele introduz o IMAGINÁRIO ou a fantasia, anulando os limites entre um e outro.

Para um livro ser considerado renovador ou atualizado, literalmente, não basta que utilize em sua efabulação temas ou problemas vitais desta nossa sociedade em transformação. É preciso mais: que o contexto ideológico (quando existir) se transfigure em arte.

Essa é a atitude que pode ser detectada em grande número de escritores e escritoras que hoje, no Brasil, se dedicam à difícil e importante área da Literatura Infantil / Juvenil e fazem dela uma *literatura em progresso*. “O maior caminho para a aprendizagem - para a sabedoria, a aventura, o prazer, a compreensão da natureza humana, de nós mesmos, do mundo e de nosso lugar dentro dele – está na leitura de livros”. (MCCULLOUGH, David – 2000, p. 32).

2.1. FALTA DE LEITORES: PROBLEMAS DETECTADOS NO COTIDIANO ESCOLAR

Um dos grandes problemas detectados na sala de aula foi à falta de leitura por parte dos alunos. Na nossa sociedade, entende-se que o ensino dessa atividade deve partir do educador, porém, se esquece que o despertar para a leitura vem desde a infância, em casa, quando os pais reservam um tempo para ler histórias aos seus filhos.

CUNHA, (1995), aponta razões que levam o estudante a ter o desinteresse pela leitura. O *descuido familiar*: Há pais que alegam ter uma vida corrida, de muito trabalho, tentam, dessa forma justificar sua falta de tempo para ler para os filhos.

BELTRAN, (2001), diz que vale a pena separar meia hora, nem que seja por semana para sentar-se com a criança e ler ou contar histórias para ela. “Quando pequenos, conte-lhes histórias. Depois passe a lê-las. De vez em quando, intercale a leitura de uns versinhos poéticos. Esta é uma forma rica de desenvolver na criança a apreciação pela boa leitura”.

Já o mesmo autor em seu livro: Ensino de Português - *Intenções e Realidade* relata depoimentos de grandes escritores brasileiros que, em suas memórias, registram com saudades os dias em que seu pai ou sua mãe lia para eles quando crianças. É o caso de Manoel

Bandeira e de Raquel de Queiroz, que tomaram gosto pela leitura ouvindo poesias e histórias contadas por seus pais e professores.

Pode-se afirmar que o hábito de contar histórias é uma das mais antigas tradições praticadas em família ou em pequenas comunidades e ainda, é essencial e insubstituível para o desenvolvimento emocional e a aquisição de conhecimento da criança acerca de sua própria cultura, contribuindo também para a formação de seu caráter. Os pais que desenvolvem esse hábito de leitura em seus filhos desde pequenos, certamente estarão contribuindo para o desenvolvimento de futuro leitores.

Outra razão é o *excesso de facilidade na vida escolar*. Muitos educadores, devido ao difícil acesso a textos por parte dos alunos, as inúmeras atividades ou excesso de aulas semanais e a falta de apoio para um trabalho prático e eficiente para com jovens e crianças, mostram grandes dificuldades enfrentadas ao trabalhar com a literatura infanto-juvenil. CARDOSO, (2000), relata que trabalhar a literatura de modo satisfatório continua sendo um desafio, pois, além do aluno não apresentar interesse pela leitura, outros fatores concorrem para isso:

“a formação do professor, a matriz curricular, a distribuição e composição da carga horária, questões administrativas, a ralação da orientadora com esse tipo de arte, a cobrança social, o tipo de vivência dos alunos com as letras, os apelos extra-escolares, a carência de visão quanto à função da literatura e objetivos não tão claros referentes ao trabalho artístico-literário.” (Revista da Escola Adventista, 2002, p. 10).

Ao se deparar com essas dificuldades, muitos educadores acabam utilizando e recomendando aos seus alunos os mesmos títulos, anos a fio, sem uma preocupação em renovar a dinâmica de utilização dessas literaturas, facilitando, porém, a vida do educando, pois avalia sempre do mesmo modo com provas ou fichas, recursos que o aluno tem acesso através de outros colegas.

Infelizmente, a escola também não auxilia nesse contexto, pois, o investimento com livros é muito pequeno. CUNHA, (1995), lembra que nas escolas públicas, devido a pouca verba que lhe é destinada, as obras não podem ser adquiridas em número suficiente e nas escolas particulares investem-se menos em livros do que em outros “materiais didáticos”. As bibliotecas escolares são, por isso, muito pobres e muitas vezes acabam se valendo das doações de livros, que apenas as grandes editoras podem fazer.

É necessário o incentivo dos pais e da escola para favorecer aos jovens o contato com os livros, jornais e revistas. Os pais devem acompanhar o gosto de leitura dos filhos, colocando ao seu dispor leituras adequadas a sua idade e não devem cair na pedagogia da

facilidade, ou seja, deixar que os filhos leiam apenas livros considerados fáceis e sim devem apresentar livros com graus crescentes de dificuldades.

Os pais não devem subestimar a capacidade de seus filhos dando-lhes livros que nada exigem de raciocínio, pois estagnados na leitura fácil, buscarão a facilidade sempre, resultando essa prática de leitura fácil em prejuízo para a criança e adolescente.

O poeta José Paulo Paes lembra: “... nas sociedades de consumo, tudo já chega mastigado para as crianças. O mesmo acontece com os livros e informações. Corremos o risco de que elas percam os dentes e tenhamos um país de banguelas mentais, desacostumados a pensar”.

Apelos sociais com muitas formas de diversão, também funcionam como outra razão. Entre a televisão, cinema, música, teatro e esporte, a leitura ocupa sempre um dos últimos lugares na preferência dos alunos.

Verificou-se através de pesquisa que entre livros e revistas, os alunos preferem as últimas e muitos ainda justificam que a revista é “mais divertida e mais rápida para ler”. Os alunos não têm biblioteca em casa, os que têm são a minoria, muitos não possuem nem mesmo fichas em bibliotecas municipais e não há incentivo nem mesmo da própria família à compra de livros.

Pode-se ainda acrescentar que a televisão, o cinema, o rádio, a revista, respondem mais facilmente às necessidades dos alunos: não só são atividades pelas quais não sofrerão qualquer cobrança (ficha, análises, provas, trabalhos), como também representam para eles uma opção própria – escolhem onde, quando e o que assistir ou ler.

É importante nesse aspecto a atenção dos pais para que dêem menos espaço para a televisão e mais espaço para a leitura. Em entrevista à revista VEJA, o diretor de filmes e cineasta Steve Spielberg, estabelece uma disciplina para os seus filhos a respeito da televisão: “Após as 21 horas, todos vão para a cama. Nada se ficar assistindo a TV até tarde”.

Deve-se, portanto, atribuir à leitura, um valor positivo e benéfico ao aluno e a sociedade, pois ela é uma forma de lazer, prazer, de enriquecimento cultural e de ampliação de novos horizontes. “Nada pode enriquecer mais a nossa vida do que um livro” (MCCULLOUGH, David, 2000 p.31).

2.2. ATIVIDADES LITERÁRIAS E ESTUDO DE CASO

Através das razões apresentadas nesse artigo, deu-se uma atenção especial a segunda razão – *Facilidade na vida escolar*. Já que o professor tem o desafio de incentivar a cada dia o prazer literário e muitas vezes sente dificuldades em desenvolver projetos, pois, o seu currículo tradicional não o ensinou a trabalhar nesse contexto, e não consegue pensar em maneiras mais dinâmicas de promover a leitura, listaram-se algumas atividades que o auxiliarão a alcançar o seu objetivo: despertar no educando o gosto pela leitura.

- **Curta-metragem** – Criar um filme a partir de uma obra ou um documentário sobre um romancista, contista ou poeta
- **Datas especiais** – Representar uma obra literária em que se explore o mesmo tema da data em foco. Ex. *O Guarani*, no dia do índio.
- **Tele-arte** – Apresentar uma obra dentro do molde de um programa de TV como entrevista, jornal, programa de auditório, jogos.
- **Música literária** – Criar uma letra, a partir de determinada obra, para uma música conhecida.
- **Titulação ilustrada** – Dar um novo título para a obra e a cada capítulo e criar (desenhar e pintar) imagens para cada capítulo ou parte da obra.
- **Notícias** – Criar um jornal a partir de uma obra contendo itens necessários para a redação (entrevista, classificados, turismo, etc.).
- **Relatar** à classe a história que leu caracterizando-se para dar mais autenticidade ao relato.
- **Encenar** uma peça a partir do que leu.
- **Maquetes** criar maquetes que representem o título ou capítulo de uma obra literária. Utilizar materiais diversos (isopor, papelão, massa de modelar, sucatas, etc).
- **Criar** a partir da capa de um livro e título, uma história e depois narrá-la à classe, posteriormente a professora pode contar do que se trata o livro, porém sem revelar o final despertando, dessa forma, a curiosidade da turma quanto à leitura.

As atividades listadas acima é somente uma contribuição para o professor não avaliar a leitura sempre da mesma forma, nada impede que ao final de um bimestre ou semestre faça-se alguma prova nos moldes convencionais.

Porém, para que o professor possa incentivar seus alunos, é necessário que ele seja um bom leitor, goste e sinta prazer de ler e envolver-se no que lê, pois só assim terá condições de desvendar o mundo dos textos e suas literaturas e ser o mediador, guia e orientador entre o aluno e a leitura.

A partir da análise dos resultados da pesquisa realizada com alunos de 5ª a 8ª série da Escola Adventista do Augusto Franco, desenvolveu-se uma das metodologias citadas acima para avaliar a leitura de uma obra literária, já que muitas vezes essas leituras são tidas como enfadonhas nada atrativas e cobradas sempre da maneira tradicional (provas, seminários e fichas de leitura).

A metodologia escolhida foi desenvolvida com alunos da 6ª série que no período compreendido entre 03/08/05 a 28/09/05, fizeram a leitura do livro “*O Mistério da Casa Verde*” – (SCLiar – 2002), e recorreram à leitura complementar de “*O Alienista*” (Assis – 1995), visto que Scliar inspirou-se no clássico de Machado de Assis para compor a trama de sua obra.

No dia 28/09/05, professora e alunos trocaram informações sobre as obras lidas e discutiram como fazer um “jornal” através do enredo do livro de Scliar.

Somente em 05/10/05, deu-se o início à construção do jornal. Dividiu-se a sala em grupos e cada grupo escolheu um artigo para desenvolver a redação do jornal.

No dia 19/10/05, na sala de aula da 6ª série da Escola Adventista do Augusto Franco, concluiu-se o jornal com as “Notícias de Itaguaí”. Todos os alunos empenharam-se ao máximo para desenvolver a redação e criação do jornal, o qual será apresentado aos demais alunos e visitantes na “noite de talentos teen”.

A apresentação dar-se-á na noite do dia 26/11/05, em que os alunos de 5ª a 8ª série da Escola Adventista do Augusto Franco e Siqueira Campos irão expor trabalhos realizados nas disciplinas de Artes e Língua Portuguesa.

No dia 26/11/05, fez-se um feed back do trabalho realizado e os alunos puderam observar, admirar e ler as “Notícias de Itaguaí”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elaborar este documento, o objetivo era mostrar novos caminhos para o professor avaliar a leitura do aluno e sair da tradicional prova ou ficha de leitura e tentar, assim, despertar no aluno o gosto pela leitura.

A leitura tornou-se hoje, uma ferramenta indispensável à vida em sociedade, e mesmo havendo outras formas de acesso ao patrimônio cultural, graças às técnicas audiovisuais, ler continua sendo a ferramenta privilegiada de enriquecimento pessoal e será absurdo crer, que o desenvolvimento das técnicas modernas possa trazer o fim da leitura. E ao se tratar de tarefas profissionais, tarefas ligadas à vida cotidiana, atividades de lazer ou de deveres do cidadão é necessário antes de tudo ler.

Neste trabalho foram apresentadas algumas razões que levam o estudante a ter o desinteresse pela leitura e a partir das razões mostraram-se algumas atividades que podem tornar a leitura um pouco mais prazerosa, porém tem-se a consciência de que o desafio é muito grave e ultrapassa meros problemas e métodos, pois, o sucesso escolar, profissional, a liberdade e a autonomia do cidadão que o aluno se tornará depende também de sua capacidade de leitura. É por isso que é preciso que todos os que participam da educação de crianças e adolescentes – pais, professores, re-educadores – unam-se na tarefa de auxiliar o educando a despertar o gosto pela leitura.

A partir de idéias e técnicas para desenvolver a leitura em sala de aula, apresentou-se um projeto desenvolvido com alunos de 6ª série, os quais, a partir de uma obra literária criaram um jornal de notícias referentes ao enredo do livro: “O mistério da casa verde” de Moacir Scliar.

O objetivo nesse projeto foi alcançado, pois, todos os alunos leram e se empenharam ao escrever, desenhar e pesquisar para a criação do jornal com as “Notícias de Itaguaí”.

Esse artigo, porém, não se propõe esgotar o assunto, ele é somente uma contribuição para o educador que se possível deve reservar uma aula por semana ou a cada quinzena para a prática de leitura incluindo a leitura de jornais e revistas e envolver os colegas de outras disciplinas incluindo também a própria escola, pais e sociedade, pois, o sucesso escolar do aluno não é apenas assunto da escola.

É preciso, então, que haja uma linguagem comum, uma informação recíproca, e a vontade de trabalhar em conjunto para o sucesso de todos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Marinheiro e Professores**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ASSIS, Machado. **O Alienista**. 25 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BELTRAN, José Luis. **Em Busca dos Valores da Criança**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- CHARMEUX, Eveline. **Aprender a Ler: Vencendo o Fracasso**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil / Juvenil – Das Origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo**. 4 ed. São Paulo: Ática.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil – Teoria e prática**. 14 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de Artigo Científico**. São Paulo: Avercamp, 2004.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil**. 3 ed. 2 imp. São Paulo: Ática, 2003.
- MANGUEL, Alberto, Tradução Pedro Maria Soares. **Uma História da Leitura**. 4 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.
- RANGEL, Mary. **Dinâmicas de Leitura para Sala de Aula**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- READER'S, **Digest Seleções**. 58 ano, Rio de Janeiro, 2000.
- Revista da Escola Adventista. 1º semestre, São Paulo, 2002.
- Revista Nova Escola. Edição especial – **PCN'S** de 5ª a 8ª série. São Paulo: Abril.
- SCLIAR, Moacyr. **O Mistério da Casa Verde**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- SOARES, Áurea. **Construindo o Amanhã**. 9 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

QUESTIONÁRIO / PESQUISA

Você gosta de ler?	
Sim	29
Não	01
Mais ou Menos	35

Que tipo de leitura você costuma fazer?	
Periódicos	34
Livros / Romances	28
Nenhuma	03

Quando você era criança, os seus pais liam ou contavam histórias para você?	
Sim	27
Não	18
De vez em quando	20

De que maneira é praticada a leitura na sua sala de aula?	
Individual	12
Coletiva	48
Apenas feita pelo professor	05

Na sua escola, a professora de português recomenda livros (romances) para leitura?	
Sim	54
Não	02
As vezes	10

De que forma é cobrada a leitura por parte da professora?	
Fichas de leitura	05
Avaliações	46
Resumos	10
Trabalhos	04

Você ler por?	
Prazer	25
Obrigação	40

Qual a maior dificuldade que você encontra na leitura?	
Interpretação	16
Pontuação	11
Entendimento	23
Não encontra dificuldade	15

A escola possui biblioteca?	
Sim	65
Não	00

Qual é a quantidade de livros de leitura?	
Poucos	27
Muitos	14
Mais ou menos	24

Seus pais possuem assinatura de jornais e revistas?	
Sim (Veja e Cinforme)	22
Não	43

O que você faz nas horas de folga?	
Ler	18
Assistem TV	24
Outros	23

Em sua casa há biblioteca?	
Sim	31
Não	34


Você possui fichas de leitura em bibliotecas municipais?	
Sim	19
Não	46

Seus pais investem na compra de livros para você?	
Sim	31
Não	00
De vez em quando	25





NOTÍCIAS DE ITAGUAI!



- Qual era sua vida no período do Renascimento e como se relacionava com a igreja?
- Qual a importância da arquitetura de sua época?
- Como funcionava a igreja para eles? Qual era o papel do papa no mundo da época?
- Como surgiu o Barroco Cultural? Qual o papel da igreja na arquitetura da época?
- A arquitetura era usada para o que? Qual o papel da igreja na arquitetura da época?
- Qual a importância da arquitetura de sua época?
- Qual a importância da arquitetura de sua época?

O ALIENISTA
Machado de Assis

O MISTÉRIO DA CASA VERDE
Machado de Assis

ENTREVISTA POLITICA

Qual a importância da política para a sociedade? Qual o papel do político? Qual a importância da política para a sociedade? Qual o papel do político? Qual a importância da política para a sociedade? Qual o papel do político?

COMUNIDADE!

Na sua opinião, qual a importância da comunidade? Qual o papel da comunidade? Qual a importância da comunidade? Qual o papel da comunidade? Qual a importância da comunidade? Qual o papel da comunidade?

